

033614/2003



L0000033617

ORMA  
869.91  
B5572

RIMA

DE ORMA

869  
BES  
RIM

P BESSA

Reg.  
1277

18/03/74

1892



033614/2003

L0000033617

## LEITOR.

**E'** o meu segundo livro de versos que felizmente te apresento e que vaes ler nas horas vagas.

Tomou o nome de—RIMAS—para ter o colorido natural e são estas variadas no metro para fugir da monotonia do decasyllabo que nem sempre a inspiração poetica pode abran-ger no todo.

Com essas—RIMAS—não quero mostrar talento, porque, conscienciosamente, não o tenho, nem aspiro um nome radioso para a existencia subjectiva, porque não primam pela e não realçam pelos rendilhados do as-ago apenas o verdadeiro documento do meu sentir.

com a tua acceitação e benevolencia que eu não fraqueje nos arduos trabalhos da intellectual.

Maranhão—1892.

*P. Bessa.*

## I

Tu te ris, n'uma vingança  
de menina inconsciente,  
d'este amor que eternamente  
leva-me em mar de esperança.

E não crês, indifferente,  
n'um gargalhar de criança,  
quando eu te peço uma trança  
do tea cabello luzente

Tu te ris ! mas o teu riso  
não traz-me a morte moral  
do crime do Paraizo,

mais me embriaga de amor,  
e n'um desejo fatal  
torna-me mais peccador.

*A Antonio Rayol.*

II

Si te escuto em canções melodiosas  
A suspirar de dor,  
Roçam-me a vida as auras perfumosas  
Num matinal frescor.

Si te escuto nas arias sonoras  
Nuns vãos de condor,  
Vão-me as notas levando harmoniosas  
As plagas do Amor.

Sim, tu tens a alma sempre soluçante  
Fulgindo em estos de idéaes, brilhante,  
Aos sonhos de Bellini;

E tens no peito o coração dorido  
A derramar o pranto resentido  
Em scismas de Rossini!

## III

Óbrigas-me a fitar contemplativo  
O despontar do sol,  
E não sei si na terra eu mesmo vivo,  
Quando cantas, Rayol.

Eu observo, n'um extase expressivo,  
Das tardes o arrebol,  
Vem-me o goso surgindo e redívivo,  
Quando cantas, Rayol.

Eu fico assim, assim suspenso ao sonho,  
Como se ouvisse o despertar risonho  
De ledó rouxinol;

E adormeço no leito da Harmonia,  
Gosando os sons da pura Melodia,  
Quando cantas, Rayol.

10-1-91.

## VI

Como me vae o coração chorando  
Em busca d'outra idade;  
E em cada gotta o pranto demonstrando,  
A lyrial Saudade !

Banhado em crença, ás vezes se abysmando  
Do azul na immensidade,  
Chora-me o coração amor vibrando  
Aos beijos da Saudade !

Como um batel sem norte sobre os mares  
Em que as ondas se esfumam pelos ares  
Em rude tempestade,

Me vae o coração no peito extenso  
Entre as ondas da dor, em pranto immenso  
D'uma eternal Saudade !

## VII

Tu choras, ó lindo lyrio,  
n'uma paixão funda e casta,  
e teu chorar já não basta,  
torna-se um longo martyrio.

N'esse estrellado delírio  
d'amar-me—sorte nefasta—,  
corre-te á mente tão vasta  
os sonhos tristes do Empyrio.

Tu choras ! Pois, p'ra que vingues  
o meo amor que se extingue  
á dor que o peito te opprime,

és o Juiz, tens licença,  
nos autos desse meo crime  
lavra-me a tua sentença.

*A Leoncio Ferreira Chaves.*

## VIII

Como trina te o bello passarinho  
Ao resurgir da aurora,  
Rufia as azas e mostra te o caminho  
Onde a esperança enflora !

Como te vem a nuvem côr do arminho  
Pela amplidão a fóra,  
Trem'la, trazer-te os sonhos num carinho,  
Que fugiram outr'ora !

Como te fulge a vida em risos de ouro  
E um sorridente amor tão puro e louro  
Te busca conduzir !

Amor ! que acorda o peito e o sonho esmalta  
E o coração em crenças mais exalta  
A's côres do Porvir.

## IX

Atira o olhar nas listas diamantinas,  
Si a mente te divaga,  
Que o azul marinho as côres purpurinas  
Pelo nascente affaga.

Canta-te o mar, são horas matutinas,  
No soluçar da vaga,  
Umás estrophes ffindas, peregrinas,  
D'uma harmonia maga.

A vaga te murmura, o mar desperta  
Na rosea plaga da esperança aberta  
N'uma alvorada em flor !

E em cada estrophe vês o goso a rir,  
Que o mar entôa a teu primeiro amor  
Nas côres do Porvir !

5-2-1891.

## X

Cahi vencido vendô os teus olhares  
semelhantes os raios da alvorada,  
em que minh'alma adeja apaixonada  
para esconder as dores dos pezares.

E, ouvi-te como a rola dos palmares  
a cantar-me de goso inebriada,  
vencido fui! E foi me a vida errada  
buscar em ti venturas e sonhos.

Mas outro que eu não fosse, te daria  
um thesouro de amor eternamente  
p'ra ouvir-te e ver-te assim fingidamente.

Vencido e para sempre cahiria,  
era um martyr de amor inconsciente  
que, por mais fraco ser, se mataria.

## XI

Enluta-se a montanha e murcha a flor vermelha,  
a flor que ali nasceu aos risos da alvorada,  
a nuvem pelo azul perpassa descorada  
sacode á terra o sol a languida scentelha.

O mar triste soluça ao longe da montanha  
e nesse soluçar o seu amor resume,  
e o vento ao se agitar atira o seu queixume  
como que presentindo uma verdade estranha.

Depois tudo esmorece. Ah! vê-se um vulto erguido,  
s braços presos tem nos braços d'uma cruz,  
o peito a derramar o sangue redimido!

is o Homem, ali, da humanidade a Luz,  
synthese do bem nas ancias do opprimido,  
symbolo do amor,—o immortal Jesus.

26—3—1891

## XII

Passa os dias inteiros na varanda  
a fazer o *crochet* de linha branca,  
Coralia, a pobre flor, que o mal espanca  
quando o olhar pelo céu a Deus demanda.

O seu seio á virtude não se tranca,  
si canta a sua voz é terna e branda,  
sempre a alma a sorrir-lhe em sonhos anda  
numa alegria extremamente franca.

Assim vive Coralia. E quando á tarde,  
do poente o sol a gasea nuvem arde  
num extase de amor, numa harmonia,

Coralia chega do quintal á porta  
e fita o céu em sonho que conforta,  
ouvindo ao longe o som de Ave-Maria.

*A Euclides Marinho Aranha*

## XIII

O coração te guaia e o pranto esquivo  
Pelos teus olhos sae  
A brilhar-te nas faces! E expressivo  
O teu sentir se esvae!

Vôa-te a alma ao azulado .. Estás captivo  
D'uma illusão que cae.  
Soffrego! És tu, emfim, um redivivo  
Que o roseo amor attrahe!

E o sonho te conduz na estrada linda,  
Ridente, da esperança que não finda.  
Para animar-te mais!

Ah! um neophito qu'és na vida escassa,  
A desejar o goso que perpassa  
Nos átros vendavaes!

## XIV

Quando no templo estás ajoelhada  
Num livrosinho orando,  
És a bondade santa, aprimorada,  
Inveja provocando.

Quando a Jesus te curvas humilhada  
A tunica beijando,  
És a virtude em forma burilada,  
Ali se demonstrando.

E obrigas-me a pensar si és tu da terra  
Nesse viver que tudo bello encerra,  
De estylo puro e terso,

É que tu tens o encanto mago e raro  
Da perfeição, o amor sublime e caro,  
Herdados desde o berço.

## XV

Fulge-te o sol, o sol de um dia ameno,  
a scintillar nas purpurinas flores,  
vago o perfume no ar, não tem rumores  
o lago a reflectir o azul sereno.

Nas florestas aos sonhos dos amores  
vôam aves gentis dos arvoredos,  
aos beijos dos tufões em mil segredos  
no mar marulham ondas multicores.

Vês? Tudo amor! o dia, o sol que trilha  
a vereda do eterno firmamento,  
o orvalho que nas flores lêdo brilha,

o mar, as aves desferindo um hymno!  
—É Deus sorrindo de contentamento,  
guia-te a vida a esplendido destino!

1 de Março de 1891.

## XVI

É o do amor o exílio doloroso,  
Onde eu habito, amada !  
Um sepulchro que tem-me esperançoso  
Nas horas da alvorada.

Ao soffrer ! é minh'alma condemnada  
Pelo teu ser formoso;  
Como se a dor me fosse idolatrada  
Em iris venturoso !

Mas uma força indomita, absoluta,  
Atira-me a alma aos espinhaes da luta,  
A vida me absorvendo !

E luto e soffro dia a dia, aurora,  
Ao menos ver-te bella como agora,  
Os versos meus relendo.

## XVII

Y ou mandar-te um bilhete perfumoso  
Feito em papel rosado,  
Um timido segredo, venturoso,  
D'um peito apaixonado.

Riso de amor aberto pressuroso  
Em labio descorado:  
É o thema sublime, esplendoroso,  
Qu' é nelle dissertado.

Leva-o teu primo, o pallido bohemio,  
A quem um dia o mais ditoso premio  
Virá do bello céo.

Cuidado, eu temo os zelos de teu pae,  
Tu sabes onde o meo bilhete vae?  
—No ferro do chapéo.

## XVIII

ρ espirito vacilla, e penso e choro,  
Nervoso, apaixonado,  
Quando vejo a esperança que eu adoro  
Viver-me no passado.

Vem-me espontaneo o encanto que devoro  
D'um sonho amargurado,  
Quando um refugio no silencio imploro  
Ao coração rasgado.

Corre-me a vida desdenhosa e rude,  
Como sombra de amor e de virtude  
Num crime singular!

Fraco o espirito, o coração dorido,  
Sinto que—expiro sem um só gemido  
Em noite de pezar!

## XIX

Chimera illuminada, alvinitente,  
Que me povôa os dias,  
Altivo amor, eterno, intelligente,  
De dôres e alegrias;

Céo de um ideal profundamente  
Cheio de phantasias,  
A força suggestiva e consciente  
Das bellas theorias;

Cantam-me o hymno do racionalismo  
Como uma flor por quem eu tanto scismo  
Numa invasão crescente !

E como mofa ardil ao meu affecto  
Mostram-me os quadros do sonhar dilecto,  
Num traço experiente.

## XX

Y ou com medo uma phrase lacrimante  
Soltar ao teu amor,  
Afinada na lyra fascinante  
De um triste Trovador !

Guarda-a no seio teu, o seio amante  
Que vive para a dor !  
Nella existe o perfume inebriante  
De uma saudade em flor.

Uma phrase exprimindo o meu sentir,  
Como o riso d'um labio a se expandir  
Nas horas que bem diz.

Tu a trarás eterna na memoria,  
Como uma loura pagina da historia  
D'um coração feliz.

## XXI

Digam-me os máus o meu sentir é crime,  
Em confissão molesta;  
Que o teu amor um odio a mim exprime  
E o meu amor detesta !

Inventem dor, vingança e o mais que arrime  
A negra intriga, mésta !  
Digam-me tudo vil, que não me opprime  
Esta paixão modesta.

Porque não creio, amada, que me odeias,  
Embora o sangue corra te nas veias  
Mais limpido que o meu !

Eu sou bondoso,—o orgulho segue ovante !  
Mas sou cruel,—és tu a bella amante  
D'um altivo plebeo.

*A. A. J. De Barros Lima*

XXII

Venhas comigo, a madrugada é loura,  
Tem risos divinaes,  
Das flores da montanha as pet'las doura  
Co'os carinhos de labios maternas,  
D'um'alma encantadora !

Venhas comigo, o sol faz-se eminente,  
Num rasgo de Condor;  
Pela floresta a passarada ingente  
Tem o canto sublime, inspirador  
Das scismas do Presente !

Venhas comigo, a vida é o ideal  
Nas attracções do puro;  
Si o lutar nos indica o rir do Mal,  
Vem a Razão, o Bem mais natural  
Nas cores do Futuro !

Venhas comigo, acorda do teu sonho  
E deixa o branco leite;  
Eu quero ver-te altivo e mais risonho,  
E ouvir o grito alegre que deponho  
Nas fibras do teu peito !

13 de Junho de 1891.

## XXIII

É' noite, quanto mysterio  
Tem as estrellas nos ceos;  
Do mar o canto funereo  
Morreu nos labios de Deos.

Gosemos, ó flor,  
No branco batel  
A lua de mel  
Do lucido amor !

A lua bella prateia  
Do mar a face azulada,  
Ao longe a louca sereia  
Vibra a canção encantada

Gosemos, ó flor,  
No branco batel  
A lua de mel  
Do lucido amor !

A onda encrespa e desmaia  
Aos beijos leves do vento,  
Vae num delirio na praia  
Soltar o morno lamento.

Gosemos, ó flor,  
No branco batel  
A lua de mel  
Do lucido amor !

E nós, bem juntos, gosando  
As lentejoulas do thema,  
Iremos ternos cantando  
Os quadros d'esse poema.

Gosemos, ó flor,  
No branco batel  
A lua de mel  
Do lucido amor !

## XXIV

Ve-la procura o bardo que exilou-se  
Nas distantes cidades do Oriente,  
De volta da viagem,  
Onde triste viveu e ali passou-se  
A melhor quadra, a quadra mais ridente,  
Longe da sua imagem !

Os sonhos lhe corriam sem conforto  
N'esses dias inteiros de pezar  
Como a visão do Mal.  
Mas lutava ! era um vivo quasi morto,  
Um Tantaló em saudade a desejar  
O vulto do ideal !

Chega, procura o ninho em que deixára  
O seu amor... E o amor não tinha mais  
O primitivo brilho !  
—Era um ser qu'em mulher se transformára !  
Viú-a !... E ao lado d'outro e junto aos paes,  
No collo tendo um filho.

## XXV

Abre o teu album, querida,  
onde tu guardas meus versos,  
eu quero vel-os impressos  
em cada folha c'lorida.

Andam com tédio dispersos  
como uma sombra perdida,  
em mãos qu'os trazem sem vida,  
em mares tristes, immersos.

Deixa-me vel-os guardados,  
dos zelos teus orvalhados  
num vivo e intimo prazer;

Só tu os tens compr'hendido  
e sempre alegre os has lido  
por um ignoto poder.

## XXVI

Eu achei, minha amada,  
A perola perdida,  
Que do teu bróche viste desprendida,  
Como uma per'la de rosa descorada !

Eil-á !... vem perfumada  
A perola querida !  
Fuja-te a pena... e seja-te esquecida  
A hora em que a perdeste descuidada !

Toma-a, guarda-a, bem guardada,  
Como lembrança ao meu amor profundo,  
Só á procura d'ella, andára tanto !

Tu observes, minha amada,  
Dentro da per'la existe um outro mundo,  
Onde eu existo e guardo o eterno pranto.

*Ao Dr. Eduardo Gonçalves Ribeiro,  
ex-Governador do Amazonas.*

## XXVII

Eu quero ver-te a fronte á luz d'uma verdade,  
Onde o rude punhal da infamia e da mentira  
Passou como uma bala;  
Inimigos da idéa augusta da igualdade,  
Os vermes da paixão num odio que delira  
Buscaram-te manchal-a!

Eu quero ler-te o nome em face da Justiça,  
Para imprimil-o em ouro o lucido Direito  
Nas paginas da Historia;  
E o Povo se agitando em resplendente liça  
A vibral-o febril por um sublime effeito  
Como um penhor de gloria!

Assim fitar-te o olhar em chamma encandecente  
No negro do combate a dirigir um Povo,  
Um Povo que batalha;  
Como um astro a fulgir ao viajor descrente,  
Como um canhão ligeiro a rutilar de novo,  
A despedir metralha !

Assim ouvir-te a voz nas justas commoções  
A modular-se forte, a se expandir aflux,  
Como uma Lei moral;  
Cheia do santo amor nas doces transições,  
Como o fallar do Bem, como o brilhar da Luz,  
Para banir o Mal !

Como um fôco de luz no amor resplandecido  
Para guiar-te o ser na luta fascinante,  
Na luta do existir;  
Lá no sacrario azul do espaço indefinido  
Eu vejo-te surgir a estrella rutilante,  
A estrella do Porvir !

7 de Julho de 1891.

## XXVIII

Deixa um minuto mais sonhar amores,  
Dos lyrios dos meus sonhos  
Ter o eternal perfume,  
Em teu olhar enxergo os replendores  
Dos rasgos mais risonhos  
Nas causas do ciume !

Deixa um minuto mais fitar-te a face,  
A face descorada.  
Nas commoções do amor,  
Na bocca tua o riso sempre nasce  
Em forma aprimorada,  
Nuns éstos de caudor !

Si tem o céo estrella viva e pura  
Que fulge fascinante  
Como o brilar d'um raio,  
Do teu olhar os traços de doçura  
Prendem-me delirante  
Num limpido desmaio !

Si no horiçonte assoma a rosea aurora,  
Atira um beijo quente  
Nas lagrimas do dia,  
Na bocca tua o riso quando entora  
Eu choro de contente,  
Eu mórro de alegria!

## XXIX

Num caminho estranho  
Segui-te pelos rastos,  
Alegre vi os teus cabellos bastos  
Quando voltavas pallida do banho.

Mais um triumpho ganho  
Nos meus desejos castos,  
Corre minh'alma pelos ceus, tão vastos  
Cheia de amor e de prazer tamanho !

Ah ! nesse sitio occulto  
Contente eu vi-te em seisma feiiceira,  
Sentada e só no banco da mangueira;

E não me viste o vulto  
Entre a folhagem como um passarinho,  
Lá na primeira curva do caminho.

## XXX

Eu sou um homem rude  
E talvez absoluto,  
Fatal, incombatível, quando luto  
Por meu amor tão cheio de virtude!

Ancio que não mude,  
Não torne-se polluto  
O rythmo refulgente do alaúde,  
Onde orgulhoso o meu amor discuto.

É enorme este martyrio,  
Formulado ingenuamente um dia,  
Quando o teu vulto vi á vez primeira!

Mas é-me esplendido, ó lyrio,  
Seguir-te o passo, o passo que irradia  
O caminho da luta verdadeira.

## XXXI

Brinca-me o riso quente  
No labio, si te vejo,  
Como um signal, um limpido lampejo  
D'este amor que me invade o peito ardente !

Vejo-te tão contente,  
Toda rubra de pejo,  
Como o sorrir d'um palido desejo,  
Como no azul a estrella reluzente !

E o riso brinca-me no labio,  
Quero fitar-te a face seductora,  
Como um passaro alegre o dia fita;

E o teu olhar, como o d'um sabio,  
Por suggestiva lei, dominadora;  
Rapidamente o meu olhar evita.

## XXXIV

Y ou desenhar-te, rosa, este abandono,  
O viboro' viv r,  
Do coração no fatigar do somno,  
Um criminoso ser !

Um pária na agonia, um ser sem dono,  
Um verme a te querer,  
Um vil Hamlet, humilde e sem abono  
Dos laivos do saber !

Illogico no agir tragicamente,  
Contra a sorte mesquinha e bem pungente,  
A sorte do sombrio !

Ah ! findo, flor, o rustico desenho:  
Sem ti o coração no peito tenho  
Marmoreamente frio !

## XXXV

Eu sou teu romancista  
D'uma alma creadora,  
O sonhador, o verdadeiro artista  
Do nosso amor em forma encantadora.

Pinto-te na conquista  
A paixão tentadora,  
Phantasiando scenas de entrevista,  
Como symbolo de vida seismadora.

Teu romancista eu sou,  
Quando a capricho um quadro te descrevo,  
Onde a virtude d'alma só se exprime.

E prisioneiro vou  
Por teu olhar, em cuja luz atrevo  
Banhar constante meo amor sublime!

## XXXVI

Vae e sempre opulenta  
Esta paixão febril, sentindo a falta,  
Num soffrer que augmenta,  
Do teu sorriso quando a bocca esmalta.

Não sei contel-a !... e salta  
Enflammada no peito que a sustenta,  
Si a desventura a exalta,  
Si novo desprazer experimenta !

Indomavel nos rasgos do ciuime,  
Mas casta como a flor  
A despedir o matinal perfume !

Si o riso teu acção exerce, amor,  
Sobre ella resistente,  
Tenho-a modificada simplesmente.

## XXXVII

A tarde vae morrendo,  
O sol morrendo vae,  
Lá da penumbra a noite vem se erguendo  
E pouco a pouco sobre a terra cae !

O ceo escurecendo  
Escuro azul attrahe,  
E Deus a cada estrella vae dizendo:  
—Em vossa luz o meu amor brilhae !

Assim o meu futuro  
É como o sol e como a tarde morta,  
É noite negra que penumbra exhorta !

Mas tenho um ceo escuro  
É meo amor e como Deus mandando:  
Que o vás contente, estrella, deslumbrando !

## XXXVIII

É um sonho apenas:  
— Um quadro vi pintado  
Por tuas mãos alvissimas, pequenas,  
Com arte e com sentir aprimorado !

Um campo enluarado,  
Onde adejam phalenas,  
Dormita a brisa em relva de noivado  
Entre affagos das brancas açucenas !

O ceo azul, nitente;  
Uma nuvem á esquerda o espaço obumbra,  
Quasi escondendo a Venus reluzente.

O fundo se deslumbra  
Por uma côr mais clara que o descora,  
A côr do dia, o resplender da aurora !

## XXXIX

Eu vou dar-te o valor  
Da tua alta belleza,  
A se espargir do rosto teu, amor,  
E do teu porte altivo de duqueza.

Tens a graça da flor,  
O perfil de princeza,  
No teu olhar brilhante, animador,  
Existe a luz estranha da franqueza !

Na tua physionomia  
Não ha pezar occulto que me illuda,  
Dardejam flammæ de bondade aguda !

E penetra-me a alegria  
Quando depressa a procurar-te saio,  
Como um artista, o teu pintor lacaio.

## XL

Que o cerebro em rito  
Mutila-me devéras,  
É um poder enorme de chiméras  
A tornar-me um livido proscripto.

Não temo, nem evito  
As agonias feras  
D'essas paixões sublimes e sinceras  
Que nos levam ás côres do infinito!

É plena a tempestade!  
O mar do amor encrespa e os ventos passam  
Num nervosismo de cruel saudade!

E o peito me devassam,  
Nam delirar de sensações moraes,  
As energias todas naturaes.

*Ac Abeylard' Mattos.*

## XLI

Ingrato o meu futuro,  
Sem brilho quasi e sem um só lampejo  
Do lyrial desejo,  
N'este sondar do amor ingenuo e puro.

Eu bem me transfiguro  
No diffundir-lhe a côr e nunca o vejo,  
E mais e mais o almejo,  
Si a sorte esquiva o torna mais escuro.

Que falsa idéa a minha e sem essencia,  
Com um prestigio enorme,  
Analysar o Nada da existencia !

Mas consola-me, enfim, a força augusta,  
A força que não dorme,  
D'uma esperança lucida e robusta.

## XLII

Yê, realmente espanta  
O meu trabalho de cantar activo  
O nosso amor, ó santa,  
O bello thema infindo que revivo !

Como é profunda e tanta  
A theoria ingente do captivo,  
Si novo goso encanta,  
Si o mesmo amor me torna um redivivo !

Indesculpavel eu talvez o seja  
Por outro que me lê  
E nunca viu a luz e nunca veja

Do teu olhar divino, que me vê  
Submisso á disciplina  
Do seo luzir de estrella matutina !

## XLIII

Mata-me, flor, si queres  
Ser boa e amiga da vontade minha,  
Longe dos maldizeres  
De alguma bocca rustica e mesquinha.

És o sol das mulheres,  
E, como o sol enxergo-te rainha  
Dos meus febris prazeres,  
Dos novos sonhos bellos que eu não tinha.

Mata-me, sim, si queres que eu te chore,  
Este desejo velho,  
Antes que a dôr o labio me descobre:

Ir aspirar o odor, sem medo, emfim,  
Ante o crystal do espelho,  
Do teu sapato branco de setim.

## XLIV

O mar aflux, gemente,  
A crescer, a crescer febril na praia;  
No occaso o sol desmaia  
Num turbilhão de dores, loucamente.

Como um flóco se espraia  
Uma nuvem no ceu e esvae-se algente,  
E a garça mansamente  
Curva-se ao vento como uma catraia.

É tarde; o occaso sonha  
Nas noites do pezar e nas estrellas  
Que não resplendem mais !

Eu como o occaso escuto a voz tristonha,  
Num sonho vil das negras aquarellas,  
Das noites sepulchraes !

## XLV

Uma illusão estranha  
Vou revelar-te, amor, completamente;  
Uma simples façanha  
D'esta paixão tão longa e tão ardente.

Um sonho repetido,  
Quando dormir eu sonho que tu vaes;  
Um goso appetecido  
Como um riso das horas matinaes.

Seja illusão ou sonho que enlouqueça,  
O caso não discuto,  
Quero dizer-t'o e antes que me esqueça:

Guardo, si dormes, esse corpo meu,  
Como um soldado astuto,  
De pé na porta do mirante teu.

## XLVI

Bemdito o peito frio !  
O peito indifferente á luta insana  
Que traz a voz humana  
A tremer, a tremer num calefrio !

Maldito o desafio !  
Cujo duello a sorte vil, tyramna,  
É mais que deshumana,  
Succumbe o amor num golpe sem desvio !

Bemdito o peito glacial, gelado,  
A's sensações da morte do culpado,  
Da morte da vingança !

Maldita a sorte escrava do sidereo  
Que faz d'um peito um triste cemiterio,  
Caveira da esperança !

## XLVII

Tenho-te o nome num cartão mimoso,  
O nome por extenso !  
Uma alegria exulta-me ditoso  
E do prazer da sorte me convenço.

Fatalidade apenas, ser formoso,  
De ter-te o nome, penso:  
Ou um acaso a dar-me o novo goso,  
Ou a ventura a dar-me o sonbo intenso !

Tenho-to o nome, flor,  
E a lettra tua, a lettra que eu aspiro,  
N'esse cartão impressos !

Ah ! guardo-o, como guardas, meu amor,  
As notas, si deliro,  
Dos meus singelos e chorosos versos !

## XLVIII

Ø alvor do dia esplende,  
O passarinho canta no arvoredó,  
A branca lua para o occaso pende,  
Para o eternal degredo.

Inda um vestigio rende  
Da noite clara, a noite d'um segredo !...  
A brisa matinal os ares fende  
Num delirar de medo.

Ah ! vem o dia, a aurora, que desponta  
Do teu amor, amadá,  
O teu amor, a concha nacarada !

Minh'alma em luz o aponta  
A' doce brisa, ao passarinho ingente,  
A' noite bella, á lua decadente !

## XLIX

Abertamente digo  
A ti que me aborrece:  
Acaricio o teu olhar imigo  
Entre os cantos sublimes d'uma prece.

O amor me não fenece,  
E mais e mais o ligo  
A' esperança sympathica do abrigo  
Por um só laço azul que me apparece.

É um prazer do espirito de louco,  
Si fôr loucura amar-te,  
Para erguer-te o tormento pouco a pouco.

Quanto me sabe, flor, viver assim,  
E ver-te em toda a parte,  
Como um artista num lutar sem fim.

## L

O teu bom coração sentir-se-hia  
Abalado talvez,  
Sem raciocínio a dor o cortaria,  
Si eu fosse um descortez.

A vida inteira abysmo te seria,  
A mofa de entremez,  
A torturar-te sempre buscaria  
Na rude insensatez.

Do bello Inferno o clima lacerante  
Dava-te á alma de remorso cheia  
A culpa triumphante !

Ah ! eu, o monstro, o vil, si acaso o fosse,  
Não te mostrava a lua que prateia  
O-nosso sonho doce !

## LI

Pallida sômbra sobre o mar navega  
Num supernal litigio,  
O barco azul veleiro, que não chega  
Ao porto amado, o porto do fastigio.

Vae emergil-o a oñda rude e cega,  
Tirando-lhe o prestigio:  
E a esteira escura o mar ao barco lega  
Como uma réstia do fatal vestigio.

Que luta insana e forte  
Do barco—o meu amor, por esses mares,  
Onde a sandade fez o eterno leito!

Que maldizer á Morte  
Ante esse abysmo mésto dos pezares,  
Onde o sonho do amor se vê desfeito!

## LII

Um campo... e corre a aragem  
Em matinal fadario,  
Do passaro o cantar alegre e vario,  
A sensitiva como azul miragem;

Um cavalleiro pagem  
Com um ar de solitario,  
A guiar um viajor imaginario  
Do *vello de ouro* na rosal viagem;

É o quadro a pintar.  
O quadro que no sonho da alvorada  
Fez-me cedo no leito despertar.

E como, minha amada,  
Gosto de ver uma paizagem bella,  
A custo ponho-a nesta rude téla.

## LIII

Houve quem applaudira  
A accusação tardia, inconsolavel,  
De ser uma mentira  
Esta paixão vital, inquebrantavel.

Esta paixão que aspira  
A doutrina do bello e do admiravel,  
Onde a miseria expira,  
Onde o cruel se torna condemnavel.

Accusação tardia !  
Uns vôos de aguia em noite nebulosa,  
Uns risos de fatal melancolia !

Pequena alma raivosa  
Ao meo amor algum gemido dêra,  
Para tornal-o um pária, uma chiméra.

## LIV

Supplice resistencia  
Num expressivo gesto,  
Quando te fallo franco e com ardencia  
Neste soffrer, ó flor, cruel e mesto.

Eu sonho na innocencia  
Do teu e meo protesto...  
Não choro, nem me peza a consciencia  
De haver te dado o meo amor em resto.

E penso assim, e penso  
N'essa verdade argentea do sentir.  
N'esse prazer sublime do porvir!

Mais e mais me convenço  
Do brilhantismo extranho da palavra  
Quando a paixão o nosso peito lava.

## LV

Sollicitam de mim saber ao certo,  
Num desejo em verdade,  
O meo amor quem é, por quem desperto  
Na negra soledade !

Neutralisam assim a vã vontade  
Ao meu segredo esperto;  
Inconsciétes são ! Dizer a idade  
Do meu peito aberto !

Quanto gosto me vae em ver occulto  
O meu rosado amor, por quem me exulto  
A's meigas açucenas !

—Uma flor a surgir, gentil camelia,  
Um ser ingenuo e puro como Ophelia  
Com dez annos apenas !

## LVI

São mais inacessíveis  
As dores d'um amor intemerato,  
Que as rochas intangíveis  
Onde se esconde o verme do planato.

Eterno pugilato  
O do amor cõ'a vontade ! Incompr'hensíveis  
Vão num lutar exacto  
Bater ao mar das queixas mais terríveis.

Surge a dor e se orgulha  
Ao reduzir a pallida fagulha  
O bellicoso e sensitivo amor;

Vendo a rosal vontade  
Do leito azul da doce anciedade  
Ser transportada ao pantano do horror !

## LVII

¶ens dez annos, criança,  
Amo-te tanto, juro;  
Corre-me a vida em lucida bonança  
Pela avenida longa do futuro.

Si teu olhar me alcança  
Na luta mal seguro,  
O goso traz-me a limpida esperança  
Sob um aspecto matinal e puro.

Quero-te ingenua, basta.  
És a criança a soletrar-me amor,  
És o meu hymno de immortal candor !

O vicio não te arrasta  
A ser mulher sem mais sobranceira,  
Um ser voluvel, fraco e sem valia.

## LVIII

Y ou educar-te, filha,  
Por uma escola nova—a da virtude,  
Onde se foge do veneno rude  
Da seductora e muda mancenilha.

O vicio não a illude,  
E a luz da crença num principio brilha,  
Não teme a lealdade o amor se mude  
Dos bons caminhos onde casto trilha.

Uma escola pura—de doutrina,  
Onde a razão em luz alabastrina  
Extingue o negro mal.

Então—mulher—irás, meu relicario,  
Beijar comigo a per'la do sacrario  
Nos beijos da moral.

## LIX

Contemplo entristecido ao fundo da campina  
Sombrio o dia erguer a face purpurina,  
Nuns traços de soffrer;  
A luz da estrella d'alva, a luz que se espargia  
Pelo azulado alem, em sombras de agonia  
As nuvens esconder !

Contemplo o sol—condor—em pallidez estranha,  
Beijando soluçante o cume da montanha  
A lúrida tristeza;  
A flor avermelhada a coma abrir olente  
E em cada pet'la o orvalho em gotta transparente  
Sem brilho e sem belleza !

Contemplo no arvoredado o mudo passarinho  
Nas trevas escondido, as trevas do seu ninho,  
Sem cantos, a guaiar;  
E, como um sacrificio, a brisa mesta e morna  
Pelo vallado todo o seu frescor entorna  
Num vago murmurar !

Contemplo o grande mar na praia gemebundo,  
Como se lhe cahisse as lagrimas do mundo  
    Nas dores d'um desgosto;  
E deixo mudo e só curvando os meus olhares,  
Brilhar o pranto enfim, o pranto dos pezares  
    A deslizar no rosto !

Depois remonto o olhar ao longo Campo-Santo,  
Em cada face rola a baga de um só pranto,  
    Chorando os corações;  
São almas a gemer—enternecidas flores,  
São peitos a sentir a falta dos amores,  
    As santas afeições !

Ah ! choro mais e mais—que harmonia immensa !  
Minh'alma mais se eleva e mais se agita em crença,  
    Ao ceo erguendo as mãos !  
Então mais commovido, em éstos de saudade,  
Eu vejo, que pezar ! n'aquella soledade  
    Meos paes e meos irmãos !

2-11=1891.

## L X

Almas chorosas, puras,  
Almas que vão na gruta dos pezares .  
Guardar as leves sombras das venturas,  
As sombras dos sonhares;

Almas das amarguras,  
Andorinhas errantes dos palmares,  
Onde só moram os cantos das agruras,  
A percorrer'os ares;

Almas irmans da minha,  
Eu vos adoro e beijo. Eu vos bemdigo  
Como um vestigio do apagado abrigo !

E, como uma avesinha,  
Eu vos enxergo alem, pelo infinito  
E pelo monte estéril, de granito !

## LXI

Ergue-te coração, não durmas brutalmente  
No carcere da dôr !  
Em cada lista do espaço do Oriente  
Brilha-te a luz do sideral amor !

Ergue-te coração e vem dizer á flor,  
A flor do azul Presente,  
O teo passado todo de amargor,  
O teo passado lugubre e doente !

Ergue-te coração e ri e canta  
A's aniladas côres do Futuro  
No sol que se levanta !

E solta o teo gorgueio estrepitoso  
Que vá nas plagas do fatal Escuro  
Romper o nebuloso !

## LXII

Em espontaneo affago  
Brilha-me n'alma a *verve* da verdade,  
Como o encrespar do lago  
Sob osculos da brisa da saudade.

Tem um dominio vago,  
Systematico a *verve*, e sempre invade,  
Num raciocinio mago,  
O peito meu, si vive um soledade.

Virtiginosa passa  
Num gargalhar convulso e positivo,  
Si a vida beija-me a feroz desgraça !

E vem num gosto vivo  
Beber-me n'alma a chamma encandecente  
Do consolado amor litteralmente.

## LXIII

— Não chores! — te disse um dia  
De joelhos nos teus pés.  
E perguntaste — Quem és! —  
Numa expressão de alegria.

— Qu'importa! sou um cantor,  
— Ha mundo da melodia,  
— Ha mundo do puro amor!

Depois... eu vi atravez  
Do teu olhar de magia  
Nosso amor em fidalguia  
Morrendo louco, talvez!

Então minh'alma em delirio  
Bem junto a ti mais erguia  
O sonho á cruz do martyrio.

## LXIV

Sabindo a noite vem! Na alfombra do vallado  
    Extenso, caprichoso,  
Vão as flores no hastil, inconscientemente,  
    Dormir em quente goso,  
    Um goso desejado,  
D'uma caricia pura e grata e resplendente!

Morno aroma a correr em toda activa atmosphera,  
Como um vago queixume, um riso de chimera,  
    Perdido pelos ares!  
Assim, numa expressão do céu, a mais sincera,  
    Como as vagas dos mares,  
Vêm as gottas rolando—espheras rutilantes—  
Para extinguir a sombra esquiva dos pezares,  
    As dôres extinguir!

Que timidos instantes  
De mystico sentir !

Soluça a brisa e geme alem, ligeira e doce,  
Como evidentemente a noiva casta fosse,  
A noiva do vallado,  
Perdida para o amor num sonho amargurado.

Que prodiga ventura  
Da lucida natura !

O rouxinol descanta uns trechos de poema  
Para desenrolar depois o infinito thema  
Dos segredos azues,  
Dos mysterios azues das cousas sideraes,  
—Que melodia afflux !  
E em curvas pelo ar a borboleta branca  
Numa avidéz mais franca,  
A chorar de saudade ás côres matinaes.

E bella a noite cae... as pequeninas flores  
Continuam sonhar nos limpidos amores  
Num extase sem fim.  
—Um turbilhão seduz de novos esplendores,  
O pranto é riso,—o peito ao goso mais exhorta !

Só eu, não sonho assim,  
Vejo morrer-me a vida ardente que conforta  
Um craneo de poeta,  
Que fôra o verdadeiro e consolado asceta  
Das cousas ideaes dos mundos ignorados,  
A viver brutalmente em lares desolados  
Só para eterna dôr, para esperança morta!

## LXV

Convulsa a ondã espuma e pela praia entôa  
Uma canção de amor, uma canção sombria,  
E a branca areia foge em torvelinho á tôa  
Tocada pelo vento em magica energia.

A tempestade vem e pelo azul rebôa  
Beijando num delirio a longa penedia,  
Chammeja o raio alem—nas densas nuvens côa  
A luz tremente e desce em curva e simetria.

Ha um temor de mais, um temor divino  
Na aldeia perto e rude aonde existe o pobre  
A tiritar de frio, a maldizer o nobre.

Mas o temor se vae... um riso purpurino  
Abre do sol o labio ao turbido nascente...  
Em toda a aldeia a vida exulta-se valente.

## LXVI

Tudo vejo deserto!  
A noite solta o adeus á linda aurora  
Que vem de labio aberto  
Beijar a rosa que no valle mora.

O valle já desperto  
Ao murmurar da brisa geme e chora,  
Sob o ciume incerto  
D'essa caricia que tivera outr'ora.

Deserto tudo está!  
A vida humana dorme indiferente  
Á evolução da natureza ingente!

Só eu, sem somno já,  
Leio o poema sabio da natura  
Numa sofreguidão latente e pura.

## LXVII

Não sei por onde vã,  
Por qual estrada siga:  
Si pela inhospita onde a dor está,  
Si pela escura da fatal fadiga.

A duvida me liga  
Ao desengano já !  
Ao desengano que no amor se amiga  
E como um morto, mudo, me verá.

Por qual estrada irei,  
O' lugubre destino,  
Gosar a aurora dos dias que sonhei !

Eu sou um peregrino,  
Dá-me, cruel, do goso  
O itinerario longo e esperançoso.

## LXVIII

..... Co'o existir do Eterno  
Um só, a luz na terra se accendera !  
E lá está no Oriente a bella aurora.

(? Guesa - J. Souzandrade.)

Foi em Bethlem, á noite e em antes da alvorada,  
no mais humilde berço—em uma estribaria,  
que veio ao mundo o Deus, o filho de Maria,  
para fazer o Bem, para apontar o Nada.

Foi em Bethlem, cahiu em gottas de orvalhada  
das estrellas o pranto em fulgida harmonia,  
dos pastores se ouviu em limpida alegria  
a voz saudando o Deus, numa canção insp'rada.

Ah ! nesse lar o Sol brilhou mais bello ainda  
e na Terra espalhou numa avidéz infinda,  
todo seu amor e luz a bem<sup>da</sup> Humanidade;

e Deus, emfim, mostrou aos trez soberbos Magos,  
preferindo ao seu ouro os cantos e os affagos  
do mais rude pastor, a base da Igualdade.

25 de Dezembro.

## LXIX

Uma faixa de luz o sol ridente traça  
do anno a surgir gentil no bello firmamento,  
o mar cantando vem a praia terno enlaça  
em sonoro folgar, morrêra o seu lamento.

Da prodiga floresta a cabelleira esparsa  
renova-se o primor num leve movimento,  
o sopro da manhã suave que perpassa  
traz um ledô sonhar, um novo sentimento.

A natureza assim nos dà outra existencia,  
onde iremos o amor buscar em toda a ardencia,  
em troca do pezar funesto do passado;

nos dá novo sentir num iris de chimera,  
onde corra-nos a alma em sonho matisado  
entre perfumes mil de rosea primavera !

1.º de Janeiro.

## LXX

Pelo azul matutino a estrella guia errante  
dos Magos a jornada em caravana unida,  
de redeas soltas vão, num luxo deslumbrante,  
soberbos de gosar, impávidos da vida.

Cravando a vista em tudo os Magos vão constante,  
pela estrada ramal de pó enriquecida;  
choram o regio lar, atraz muito distante,  
e almejam só chegar ao termo da partida.

Ah ! entra a caravana às portas de Bethlém,  
a passarada entôa os canticos do Bem  
a revoar no azul por sobre um tecto em palha;

os Magos se apejando os labios teem vermelhos,  
em torno do Presepe a caravana espalha  
e aos pés do Bom Jesus se curvam de joelhos.  
6 de Janeiro.

## LXXI

Um coração na doce adolescencia  
entre os sonhos e os gosos da ventura,  
num extasi beben, numa loucura,  
da vida o nectar na fatal dormencia.

A flor dos sonhos deu-lhe amor na essencia  
para punil-o da innocencia pura,  
mostrou-lhe mais o gozo na espessura,  
dando a gosar-o em verdadeira ardencia.

O pobre coração inexperiente,  
fraco, sem força já, sem vida quasi,  
buscava o gozo mais inconsciente.

Nesses sonhos de rosea primavera  
já não tinha o poder d'uma só phrase  
para fugir do amor que a flor lhe déra.

*Ao Dr. Raimundo e A. Ferreira Franco*

LXXII

Amigo ! em vós eu vejo os laivos da bondade,  
Os raios do saber nas phrases da amisade  
    Que um peito puro têm;  
Na vossa vida toda o sacrificio é nobre,  
Que leva o vosso nome ao labio do mais pobre  
    Como uma lei do Bem.

Vos vendo em vosso lar—o santo relicario,  
Cercado do prazer no vosso anniversario,  
    Ao rir da gratidão,  
Amigo ! o peito meu desperta na alegria,  
Vos rende reverente em lucida harmonia  
    Um preito, uma oblação.

27-5-91.

## LXXIII

Resuscitada fôra  
Em hora triumphante  
A pura Angelica, a modesta amante,  
A creatura bella e seductora.

Victima encantadôra  
Do seu amor constante,  
Cujo poder a trouxe delirante  
Como uma eterna e fragil peccadôra.

Timida, esquiva, alada  
Como uma ave em sonho emigràra  
Para um paiz extranho, abandonada !

Resuscita, voltando ao lar... Achára  
O amante arrependido...  
Por quem viveu sem nunca ter vivido !

## LXXIV

Canta o teclado de um piano,  
Piano apaixonado,  
Que não ouvia ha quasi um anno,  
Um anno desterrado !

Canta nas sombras de um engano,  
Num sonho em vão, dourado,  
O amor feliz ! . . Amor tyranno  
Que não fôra vingado !

Ah ! vae cantando alegre e vivo,  
Qual rustico captivo,  
Sem definir o bem e o mal !

Inconsciente a mão que o tange,  
Porque já não abrange  
O gosô no intimo moral !

## LXXV

Enterneçada e languida, sosinha,  
Vivia a Leonor,  
Illuminada flor  
Da luz da aurora, a matinal pombinha.

A duvida do olhar não a entretinha,  
Dolente para o amôr,  
Sem agonia e dôr  
Ia na vida como uma andorinha.

Mas não tardára o termo d'essa vida  
Suave, indifferente...  
Da tentação do mal já não resiste !

E transformada em lúbrica mulher  
O goso aspira e quer,  
Qual flor pendida para o acaso triste !

## LXXVI

Ø riso que me abria a tua bocca  
naquelle tempo de prazer passado,  
a mil pezares traz-me acorrentado,  
num profundo scismar, ao ver-te louca !

A tua voz no canto inebriado  
da loucura é-me lenta e mística e rouca,  
fugiu a melodia em dôr ! E é pouca  
a força d'esse amor desventurado !

Ah ! louca tu estás . . . e, como fôra  
a loucura evadir-te aterradora,  
é-natural. Eu quero te chorar !

Soube que o pranto te rolára á face,  
ao—sim—que dê-te nesse vil enlace . . .  
louca cahiste sobre os pés do altar !

## LXXVII

*Ao lusco-fusco do dia*  
Chegava o pescador,  
Tinha o desapego na phisionomia,  
O desapego do novel luctador.

Uma sobria bonhomia  
Para o encanto do amôr  
A luz do seu olhar logo emergia,  
Era-lhe a vida a crença sem valor.

Ah ! toda a tarde vinha  
Como avida andorinha  
Dos altos mares onde só luctava !

Um dia o sol se fôra...  
O pescador na vaga enganadôra  
Inerte e frio e ja sem voz boiava.

## LXXVIII

Caro ser promettido,  
Como amor mais sentido  
Na virtude;

Ès o ser imprevisto  
Que mais choro e insisto  
Que não mude.

Tens no seio o carinho  
Como o limpido arminho  
Côr da Paz;

Ès no zelo a mais nobre,  
Ten olhar não o encobre,  
Nem desfaz.

No convívio do Mal  
—Uma flor sem igual  
— Raridade !

Si sosinha és chorada,  
Tens a voz perfumada  
Da orphandade.

*A Sizio Corréa De Frias.*

## LXXIX

Passam de leve as nuvens esmaidas  
Pela amplidão sonora,  
É o sorrir da aurora  
Como as pet'las das rosas descoradas.

A floresta no farfalhar se chora  
As brisas namoradas,  
Cantando em revoadas  
Os passarinhos pelo azul a fóra.

Murmura, alem, o rio  
Como uma mansa pomba pelo ninho  
Perdido ao longe num logar sombrio.

E o valle côr 'de arminho  
De borboletas, açucenas cheio,  
Despede aromas num dourado enleio.

## LXXX.

Tu vaes cabir sem vida,  
O' coração cortado,  
Estyllete de luz appetecida  
No ultimo *adeus* d'um peito enamorado.

E vaes... nessa descida  
Has de gritar de irado,  
Quando tu vires fraca, embrutecida,  
Essa tua alma, sombra do passado.

E o Nada tu verás  
Sorrindo para o azul da immensidade,  
Onde a esperança, o sonho encontrarás.

Então o pranto, o pranto da verdade,  
Como una estrella algente,  
Te rolará das fibras lentamente.

## • LXXXI

Vae a tarde morrer sem queixume  
Entre beijos sonoros do amor,  
Cada brisa que passa o ciume  
Na folhagem cicia em candor.  
Na vaga do mar,  
Em doce chimera,  
Comtigo quizera  
Amor soluçar !

Vae a tarde morrer na ventura,  
No desejo do goso latente,  
Em febril devaneio e loucura  
Tem carinhos de peito fremente.  
Na vaga do mar,  
Em doce chimera,  
Comtigo quizera  
Amor soluçar !

Vae a tarde morrer de saudosa  
Pela alfombra do roseo vallado,  
Si suspira—o suspiro da rosa  
Num encontro se torna esposado.

Na vaga do mar,  
Em doce chimera,  
Comtigo quizera  
Amor soluçar !

Como a tarde morrer eu aspiro,  
Numa tarde de limpida cor,  
Nesses braços—soltando um suspiro,  
—Um poeta morrendo de amor.

Na vaga do mar,  
Em doce chimera,  
Comtigo quizera  
Amor soluçar !

## LXXXII

Um inimigo forte  
Como o leão em ira,  
Imputa um crime, um crime atroz, de morte,  
Ao caçador que a floresta aspira.

A maldizer a sorte  
Em raiva, a sós, delira  
O caçador, que pena só inspira,  
Sem encontrar defeza que o conforte.

Foge tresloucado, espavorido,  
Para uma ignota gruta,  
Lá onde sempre soube ter vivido.

No seio da floresta  
Prefere o exilio e junto a fera bruta,  
—O inimigo de consciencia honesta.

## LXXXIII

Aos plumbeos ares foi-me a vista errante  
Em busca de uma estrella luminosa,  
Quando o ideal em forma cor de rosa  
Abriu-me a estrada ao sonho fascinante.

Scintillou-me no espaço, emfim, brilhante  
A estrella do porvir. A alma esperançosa  
A renascer-me em luz, em luz formosa  
Ao céu ergueu-se rapida, offegante.

Mas durou pouco. A estrella errou, fugiu,  
Esquecendo o ideal que a não mais viu  
Inebriando-me a alma em luz querida,

Perdida essa illusão deixei o mundo  
Dos sonhos, e caí no abysmo fundo  
D'esta mentira qu'outros chamam vida.

## LXXXIV

Quando no ninho languido anoitece  
O rouxinol do val,  
O lago para as rosas transparece  
Em limpido crystal.

Quando no valle em trinos amanhece  
O rouxinol rival,  
O lago em zelos turbido se enfurece  
Numa avidez lethal.

Ambos rivaes valentes no caminho  
Da acerrima batalha do carinho,  
De affagos para as rosas:

Um quer na lympha o odor inalteravel,  
Sorver das pet'las o outro mais amavel  
As gottas perfumosas.

## LXXXV

Um sceptico a fugir  
Dos mundos ideaes  
O coração, na calma do sentir,  
Quando se agitam grandes vendavaes.

Um crítico a sorrir  
Das cousas naturaes,  
Nas tentações das horas do existir  
Foge a viver das sombras sideraes.

Ah! um sceptico, um morto,  
O coração, emfim,  
Completamente n'este mundo exausto!

Fez da materia um horto,  
O rustico jardim,  
De todas seducções um holocausto.

*A Carlos Ferreira Coelho*

## L X X X V I

Vive a cascata a branquejar suspensa  
E, num frescor sadio  
Solta a corrente em doce murmurio  
Pelas entranhas da campina extensa.

Os brancos fios da cascata densa,  
Num turbilhão vadio  
Vão como irmãos beijar no leito o rio  
Dormindo está em distancia immensa.

Sempre convulsa a bella da cascata,  
A dar uns tons de vida,  
A dar amor nos fios que desata.

E o rio ao goso da chimera erguida,  
Numa dolencia muda,  
Mostra á cascata a saudade aguda.

## LXXXVII

No mais humilde lar, o lugubre desterro,  
—Um holocausto rude ao soffrer erguido,  
E do remorso cheio  
Numa intima agonia,

Um velho luctador o condemnavel erro,  
Mortifero, chorando. E louco resentido.  
Das causas mais vitaes d'um crime sem receio,  
Num largo fogo novo o peito mais lhe ardia.

O crime exacto corre á bôcca da canalha,  
Que fez numa invasão de rustica batalha  
Erguer-se a consciencia  
Em busca da innocencia,

—A rosa da virtude, a perola adorada,  
—O rutilo fanal d'um'alma immaculada!

Vê-se a innocencia morta,  
O crime a não conforta,  
Si a luxuria domina, impayida murmura,

E o sentir ideal  
Nuns éstos de prazer depressa transfigura  
Em goso sensual !

Forte, como o valor das bases sociaes,  
A consciencia estende a mão para o opprimido:  
A humana sentença

Brilha como uma luz dos astros immortaes,  
Como a siderea luz para o réo absolvido,  
Sob uma força immensa,  
No sabio Tribunal !

Eis o Direito, enfim, altivo e racional:  
Ante a fatal conquista  
Da lei naturalista,

O crime não é crime em face da moral !  
—Um pae defende a honra em paternal amor,  
D'um pària—o seductor !

A lei não teve origem,  
Nem teve o brilho augusto do v-lho lutador,  
Que agita-se á vingança e que jamais se humilha !  
E como um louco em raiva o seductor não vinga,  
Antes que a sede ao sangue o seu amor extinga  
—Matára a propria filha !

## LXXXVIII

*A José A. de Mello Fernandes*

Tem traços d'oiro o horisonte  
Em matutino candor !  
A casa branca do monte  
Esplende em festas e amor !...

Pelas cavernas a fonte  
Atira a agua em frescor,  
Na moita verde, defronte,  
As trepadeiras em flor !

No campo arido, no baixo,  
A se estender pelo sul,  
Vae um pastor cabisbaixo,

Sem ver as cores do azul,  
Chorando a nojva tão cára  
Que a seu rival se entregára.

## LXXIX

Nô eterno livro das azues idades  
Depuz o sonho ardente,  
O goso alvinitente,  
Antes de agir-me a vida as tempestades.

Uma por uma as vividas vaidades  
Guardei profundamente,  
E, como a flor dolente,  
Vi o soffrer nos prantos das verdades.

Chorei talvez ! Não sei o que me fôra  
Na phase encantadora  
Do grato riso, inteiramente franco.

Fito o futuro, o pallido marasmo,  
E' como o desfolhar feral, o pasmo  
D'uma pagina em branco.

## L X L

Pisca-me os olhos Momo de brejeiro,  
Um delirio a sonhar,  
E com phrases de lhano cavalheiro  
Convida-me a folgar.

Lança-me o braço Momo, o galhofeiro,  
O goso a me apontar,  
Um enthusiasmo ardente e verdadeiro  
Começa a me inspirar.

Pois bem. Eu não me nego a festa sua,  
Hei de affagar a taça que tressua  
No labio carmesim;

E feliz, na expressão d'essa loucura,  
Hei de enlevar-me em gosos de ventura  
A's Deusas do festim !

## LXLI

No baile, á noite, flor, eu quero ver-te  
A forma esculptural,  
E que possa na walsa enternecer-te  
Aos gosos do Ideal.

Um segredo de amor eu vou dizer-te  
Em voz bem natural,  
Para que eu possa, flor, comprehender-te  
Porque me queres mal.

Ah! tu serás das minhas illusões,  
D'esse ninho de Fadas nos salões,  
A formosa Vestal;

Embora não me falles um instante,  
Porque eu seja de mais intolerante  
Vestido a Carnaval.

28-2-92.

## LXLII

Bateu-me á porta logo de manhã  
O Momo endiabrado,  
Trazia as vestes do soberbo Pan  
Dos dias de noivado.

E bordava-lhe o lábio de romã  
O riso aprimorado,  
Segredou-me uma cousa alegre e sã  
Que poz-me inebriado.

Mas, não posso occultar-te um tal segredo,  
Porque temo soffrer algum degedo  
Que tu queiras me impor.

Momo me quer no—Happy—a phantasia,  
Ver-te a belleza, a forma, a poesia  
Que levas, meu amor.

## LXLIII

Tu me verás, á noite, minha amada,  
No baile a gracejar,  
Entre a turba de bellas, delicada,  
Num doce gargalhar.

Casos de amor, de loura namorada  
Em vesper' de casar,  
Eu vou em prosa ardente, almiscarada,  
Sómente a ti contar.

E, quando a orchestra o baile dêr entrada,  
Comtigo hei de dansar, alma adorada,  
Que tu és minha só!

Mas não negues-me a walsa de zangada,  
Porque vá eu num baile á mascarada,  
Trajando á Dominó.

1-3-92.

## LXLIV

Yem da faina o operario,  
O lutador emerito,  
Esquecido do pallido preterito  
Onde tornou-se um ledo visionario.

Scisma no millionario,  
E abre um novo inquerito  
A' consciencia. Em seo proprio merito  
Basêa a causa do destino vario.

E' a luta do acaso !  
O fraco a presistir em lide plena,  
O forte a contemplar o abysmo raso.

E' o operario—o fraco,  
Amando o forte—o rico, em paz serena  
Para chegar ao desejado marco.

## LXLV

*A Pacifico Duarte Soeiro*

Batia o sol em cheio ardente, luminoso,  
na alfombra da campina—a noiva dos palmares;  
em cada raio—amor um beijo esperançoso  
soltava como um hymno aos castos nenuphares.

O vento ao longe vendo em sombras de pezares,  
esse colloquio azul do sol captivo ao goso,  
correu em toda alfombra em ondas como os mares,  
a produzir frescor n'um zelo dulçoroso.

O sol, o vate eterno--o Trovador audaz,  
como o leão mais forte e como o amor altivo,  
foi pela alfombra, além, a chammejar sagaz,

indifferente ao vento, a tudo indifferente !  
E o vento outro leão, num murmurar revivo,  
passa a passo o seguindo—era um rival valente.

## LXLVI

A luta interior  
D'uma paixão innata  
Ou nos esmaga sob intensa dor,  
Ou vitalisa quando não nos mata.

Energica dilata  
O craneo, o criador,  
Sob a influencia d'uma força exacta,  
Sob a voragem d'um activo ardor.

E o coração robusto  
A's regras immutaveis  
Segue como um athleta o amor augusto:

Tem vozes instigaveis,  
E traz em guerra dura  
O peito—a fortaleza mal segura.

## LXLVII

*A Alberto Marques Pinheiro*

Abri<sup>a</sup> o mar na vaga que verdeja  
Um vacuo escuro, triste,  
Onde a saudade louca rumoreja  
E em noite longa o vendaval resiste.

Uma ardentia o vacuo purpureja,  
• Na vaga amor existe,  
Correndo a praia o mar audaz rouqueja,  
Não mais o vento adormecer persiste.

Entanto mudo o pallido poeta,  
O sonhador athleta  
Das illusões na evolução do craneo,

Vê que gemente o mar o vacuo agita:  
Aberto-lhe espontaneo,  
E como o atheo indifferente o fita.

## LXLVIII

Era um captivo o jovem jardineiro,  
Um verdadeiro crente  
Do amor da rosa, d'esse amor primeiro  
Que lhe brotara argente.

Era um poeta, um<sup>o</sup>sonhador obreiro,  
Na luta mais valente,  
Cantava a gloria pelo dia inteiro  
A's sombras do poente.

Vivia assim alegre o rouxinol  
Cheio de enlevo casto  
Ante o poema lucido do sol.

Mas cahiu de rasto  
Um dia, em vendo a negra sorte, avára,  
Levar-lhe tudo o que no mundo achára.

## LXLIX

A marcha d'uma luta asperrima e sagrada,  
Pelo caminho longo, eternamente extenso,  
Seguiu audaz, feliz, minh'alma argenteada  
Na luz d'um goso immenso,  
D'um intimo sentir a luz idolatrada,  
Como o esplendor do sol, como o romper do dia,  
Que o passarinho canta em limpida alegria  
E a brisa a sussurrar nos ramos do arvoredo  
Se agita num segredo,  
Para exprimir o ser do celico mysterio,  
O ser da omnisciencia augusta do sidereo.

Na marcha d'essa luta em nova romaria,  
Como o cantor alado a desferir gorgeios,  
Como o saudoso vento a soluçar nas vagas  
Nas horas ideaes completas de harmonia,  
Rolou-me o pranto em bagas,  
- Perolas a luzir' em vividos receios.

Seguiu a turba ovante ao supernal caminho,  
A lutadora turba—a flor do sentimento,  
Do immaculado amor inteiramente a luz,  
Que brilha como a estrella em lucido carinho,

Minh'alma sem lamento,  
Para guiar-se a ideia exuberante, aflux,  
Do craneo lutador, do craneo que seduz  
Na evolução augusta  
D'uma vontade audaz e d'uma fé robusta.

E foi caminho além!... Vencida quasi fôra  
Por outra turba escassa e curta no lutar,  
Que a tentação do vil eleva mais e mais,  
Como uma fêra ardil de bocca assustadora,  
Que faz-nos de carreira á escuridão voltar

Dos males bem fataes;  
Minh'alma mais se erguera em rasgos da vontade,  
E como o rouxinol voando no infinito,  
Correu de lar a lar da rude soledade,  
Onde só ha gemido, onde só ha o grito  
Do soffrimento féro em perfida verdade.

Lutou!... e vencedora energica e captiva,  
Na gradação do bello ao rythmo esplendoroso

Da illusão, do amor numa expressão bem viva,  
Cantou para a saudade e para o ser ditoso;  
O ser que amado vira em prismatico brilho  
D'um diamante azul—o diamante raro—  
Que nos anima ao Bem no verdadeiro trilho  
Como a ineffavel flor de um sentimento caro.

## C

Nestas ultimas rimas descoradas  
Como uma tarde morta,  
Vae o sigillo enorme que conforta  
As minhas alvoradas.

Sombras de amor, escritorio que comporta  
As joias matizadas  
Do meu sentir, si a vil desgraça o corta  
Com fortes punhaladas.

São a synthese azul do teo poeta,  
Um canto de propheta,  
A te pedir amor,—uma lembrança !

Irão viver na montanha escarpa,  
Onde depôr eu vou a minha harpa,  
—A cova da esperança.

## OBRAS DO AUCTOR

---

VERSOS—1 vol. . . . .	1887
RIMAS—1 vol. . . . .	1892

### A SEGUIR:

PROSAS. . . . .	1 vol.
SCISMAS. . . . .	1 vol.